

**DA SOCIOLOGIA HERMENÊUTICA A SOCIOLOGIA FACTUAL
DIFICULDADES PARA DECIFRAR DADOS TEXTUAIS¹
DE LA SOCIOLOGIE HERMENEUTIQUE A LA SOCIOLOGIE FACTUELLE**

Servet Ertul ²

« Como todo mundo, só disponho de três maneiras para avaliar a existência humana : o auto-estudo (...) ; a observação dos homens que se organizam, freqüentemente para nos esconderem seus segredos ou nos fazerem crer que eles os têm ; os livros, com os erros particulares de perspectiva que nascem nas suas entrelinhas. »

Marguerite Yourcenar, Memórias de Adriano

RESUMO : Tomando como exemplo a análise de dados textuais, este artigo tenta conciliar as duas principais correntes da sociologia, freqüentemente apresentadas como antinômicas. A maioria dos programas de tratamento de enquetes propõem módulos para recodificar ou analisar questões com resposta aberta. Existem igualmente programas que tratam de corpus volumosos. A despeito dos progressos havidos em matéria de tratamento de dados textuais para codificar opiniões, pontos de vista, representações sociais, ou seja, os olhares subjetivos dos sujeitos sociais ; somos obrigados a passar por processos longos e cansativos manuseando materiais tais como: entrevistas semi-dirigidas, entrevistas exploratórias ou aprofundadas e textos ou corpus de grande volume dedicados ao objeto de estudo. Somente após uma análise destes elementos representativos e volumosos é que podemos falar de modelização ou de conceitualização de tudo aquilo que pertence ao campo da hermenêutica.

PALAVRAS CHAVES: hermenêutica, factual, programa, dados textuais, modelização, procedimento.

RESUME : En prenant l'exemple de l'analyse des données textuelles, cet article tente de concilier les deux principaux courants de sociologie souvent présentés comme antinomiques. La plupart des logiciels de traitement d'enquête proposent des modules pour recoder ou analyser les questions à réponse ouverte. Il existe également des logiciels qui traitent les corpus volumineux. Malgré les progrès réalisés en matière de traitement des données textuelles pour coder des opinions, des points de vue, des représentations sociales, bref les regards subjectifs des

¹ Este artigo originou-se do texto apresentado no 3º colóquio francófono sobre pesquisas organizado pela Sociedade Francesa de Estatística (Sondage-Statistique-Société), nos dias 17/18 de outubro de 2002 em GRENOBLE.

² Sociólogo, Mestre Conferencista, HDR, Universidade do Maine, OVEUM, GREGUM - ESO, CRNS. E-mail : ertul@univ-lemans.fr ou ertul@noos.fr

sujets sociaux, on est obligé de passer par des procédés longs, fastidieux sur des matériaux tels que : entretiens semi directifs, entretiens exploratoires ou approfondis et textes ou corpus de gros volume dédiés à l'objet d'études. Ce n'est qu'après une l'analyse de ces éléments représentatifs et volumineux que l'on peut parler de modélisation ou de conceptualisation de tout ce qui appartient au domaine herméneutique.

MOTS CLES : herméneutique, factuel, logiciel, données textuelles, modélisation, procédure.

O trabalho sociológico (*ciência das sociedades*, teria dito Durkheim, falando da disciplina) e de um modo geral, o trabalho de toda ciência social, comporta mais dificuldades do que o trabalho das disciplinas puramente experimentais como as ciências da matéria ou a matemática, por exemplo³. Estas dificuldades se manifestam sob três aspectos.

O primeiro diz respeito à própria situação do pesquisador, o sociólogo no caso, enquanto sujeito social diante de seu objeto de estudo e de análise, que é de natureza social como ele próprio (Elias N., 1993). Nesse sentido, as relações mantidas pelo pesquisador com seu objeto vão, de um modo ou de outro e em um momento ou em outro, chocar-se com seus próprios julgamentos de valor inerentes à sua posição no tabuleiro social. Isto é, este último encontra-se em uma situação delicada, desconfortável, em que deve ultrapassar o obstáculo da subjetividade adotando a posição mais neutra e objetiva possível : *neutralidade axiológica*, tal como descreve M. Weber, considerando *atos sociais como coisas, a regra mais fundamental da observação dos fatos sociais*, segundo Durkheim.

O segundo aspecto metodológico é de ordem moral (ética) : qual ferramenta, que medida adotar para explicar o fato social ? As ciências da natureza beneficiam-se de uma longa e sólida tradição metodológica experimental vinda da observação da natureza e dos fatos físicos (Elias N., 1993, em particular). Frequentemente, estas disciplinas têm em seus laboratórios a possibilidade de isolar seus objetos de estudos, de dissecá-los, de decompô-los e se possível de recompô-los experimentando-os, manipulando-os, o que é impossível e moralmente impensável para os fenômenos sociais, onde o homem está comprometido física e moralmente. Entretanto, uma quantidade de métodos experimentais foram desenvolvidos nas ciências do homem tais como: método clínico, observação participante direta, simulações, etc. Alguns destes métodos são empregados principalmente nas disciplinas situadas nos limites das ciências do homem e da natureza

³ A este respeito, ver sobretudo o ponto de vista de P. Bourdieu, (1995).

(medicina, psicologia, psiquiatria, etc). Alguns podem aliás receber críticas severas quando utilizados nas fronteiras das ciências do homem, como foi o caso das experimentações de Milgram sobre a obediência⁴.

A esta dupla dificuldade ligada à objetividade e à escolha dos métodos (e das ferramentas), é preciso acrescentar uma terceira, ligada às formas de apreciação dos fatos sociais. “O fato científico é conquistado, construído, constatado”, diz Bachelard (citado por P. Bourdieu et al., 1973). Sob este aspecto, todo encaminhamento científico adota necessariamente a racionalidade como *leit-motif*, como fio condutor (Gérard-Varet L.-A., Passeron J.-C., 1995), e a sociologia não escapa a esta regra. A racionalidade, no sentido processual ou instrumental, ou ainda no sentido econômico do termo, isto é, a racionalidade enquanto procura de um cálculo estrito em direção à uma relação ideal entre os modos colocados à disposição e o objetivo a atingir, é dificilmente aplicável aos fatos sociais e à sua avaliação. Esta observação não significa que o indivíduo, diante de cada situação, comporte-se necessariamente como um *homo oeconomicus* : ele pode evidentemente agir segundo a lógica de suas ações escolhendo a melhor opção, mas pode também agir e reagir sob uma pressão intrínseca (instintiva, impulsiva, reflexiva, repetitiva, etc.) ou extrínseca (ver sobretudo A. Giddens, 1987). A racionalização da pesquisa, conseqüentemente da observação (a enquete) dos fenômenos, dos fatos sociais, só pode ser feita por uma *racionalidade limitada*, razoável, compreensiva ou causal.

Por precaução epistemológica, teria sido desejável de nos interrogarmos sobre as condições e os limites da validade das técnicas e dos conceitos empregados, porém a forma do artigo e a natureza de seu suporte de difusão não nos permite ir muito além.

Na seqüência desta breve introdução sobre as dificuldades metodológicas em apreender a observação das “coisas” sociais, vejamos como se pode passar da sociologia hermenêutica à sociologia factual. Geralmente, as manifestações científicas consagradas às metodologias das ciências sociais consagram uma parte importante de seu programa à evolução das ferramentas desenvolvidas, aos seus usos e aos resultados, e este colóquio não escapa à regra. Os dois exemplos que propomos, no panorama do presente colóquio, afastam-se entretanto bastante deste encaminhamento. Com efeito, não vamos evocar a tecnicidade, o uso e os modos de cálculo desta ou daquela ferramenta, de tal ou qual

⁴ Para mais informações sobre estas experiências, ver sobretudo o artigo de Levin J.-M., Pavelchak M.-A., (1984), e a obra Doise W., Deschamps, J.-C., Mugny G., (1978), que lançam um primeiro olhar sobre este tipo de experimentação.

procedimento para chegar a tal ou qual resultado; ao contrário, vamos nos concentrar sobre o próprio resultado, a fim de demonstrar a necessidade de combinar diversas ferramentas de modo a ultrapassar a dicotomia entre hermenêutica e factual, que, de fato, não é uma : ao contrário, são duas faces de uma mesma realidade. É a razão pela qual os dados textuais explorados no quadro de nossos trabalhos representam, na medida do possível, numa primeira parte : testemunhos, pontos de vista, experiências expressas pelos sujeitos sociais através dos questionários em forma de respostas abertas e; uma segunda parte que compreende mais particularmente as entrevistas exploratórias e aprofundadas.

No tratamento das enquetes por questionário, a contagem automática das formas surgidas nas perguntas com resposta aberta facilita a tarefa do praticante. Se as respostas forem constituídas somente de um número razoável de itens, a maioria dos programas de computador as seleciona imediatamente em classes. Resta entretanto o problema dos sinônimos, dos antônimos, etc., que pode ser resolvido por diferentes procedimentos (manual, automático, etc.), por exemplo, operando um reagrupamento antecipado de itens semanticamente próximos em uma única modalidade. É verdade que este tipo de intervenção sobre uma base já existente é fastidioso, longo e muito difícil de ser realizado se o volume da amostra for importante, porém a contagem automática das formas ajuda o praticante a encontrar grandes itens, baseando-se em sua frequência (morfologia). Este tipo de procedimento oferece a vantagem de aproximar ainda mais o praticante de seu objeto de estudo, a despeito da dificuldade do trabalho (de recodificação). Sem a necessidade de processar a informação, o pesquisador a trata pessoalmente, apalpando-a, manipulando-a (no sentido positivo do termo)⁵. Assim, a despeito da automatização da triagem, da lematização, etc., o praticante (pesquisador) deve, antecipadamente e obrigatoriamente, fazer um trabalho manual de desambigüização, por exemplo, das formas negativas, afirmativas, interrogativas, das proximidades dos sentidos, etc. O corpus pode então sofrer uma codificação ou “recodificação” razoavelmente objetiva e os tratamentos estatísticos tornarem-se habituais tais como classificação hierárquica, análise factorial de correspondência, etc. A análise textual complexa proposta pelo programa *Alceste* dá ao praticante as possibilidades de conceituar os corpus volumosos, com a condição evidente de que este

⁵ Para uma aplicação da análise textual (lexicometria), ver principalmente Jalaudin C., Moreau G., (1996).

trabalho manual de desambigüisação seja efetuado antecipadamente⁶. Lembremos que para uma análise estatística textual, a segmentação, a identificação, a lematisação e a desambigüisação são operações sucessivas anteriores às operações de classificação e de análise de um texto⁷. A segmentação consiste em pesquisar unidades de sentido mínimas. Em seguida, passando por uma fase de esquadrinhamento, procede-se à identificação, isto é, à localização das formas gráficas. Enfim, um procedimento um pouco mais complexo, a lematisação permite afinar a segmentação antes da identificação. Por este procedimento, as formas verbais são reconduzidas ao infinitivo, os substantivos ao singular, os adjetivos ao masculino singular e as formas contraídas à sua forma integral (ver sobretudo algumas referências metodológicas no quadro em anexo).

O primeiro exemplo diz respeito (Ertul, 2000) ao tratamento e à análise de perguntas com respostas abertas de um estudo de acompanhamento realizado durante cinco anos, junto a estudantes do IUT (Instituto Universitário de Tecnologia) da Universidade do Maine. Quando o questionário inicial foi aplicado, no momento em que estes estudantes terminavam seu estágio de fim dos estudos, havíamos colocado duas perguntas filtros (respostas sim ou não): “*se, no fim de seu estágio, a empresa em que você está lhe propusesse um contrato de tempo determinado (CDD) ou de tempo indeterminado (CTI), você o aceitaria ?*”. Em seguida, pedíamos para que eles justificassem: “*qualquer que tenha sido a sua resposta, diga-nos em algumas palavras, porque*”. Uma análise das freqüências, segmentos repetidos, co-ocorrências, etc. dá, como se sabe, alguns pontos de referência que servem para recodificar as respostas abertas (a este respeito, a maioria dos programas de tratamento das enquêtes por questionário disponíveis no mercado propõem recodificações automáticas). Este procedimento, no nosso exemplo, informa sobre a diversidade das respostas; desejo de continuar seus estudos, de efetuar o serviço militar, o nível de diploma (DUT) julgado pouco elevado, etc. Os resultados obtidos nos dão assim uma fotografia correta da intenção de cada um no tempo *t*. O quadro abaixo representa a repartição das respostas em função de cada caso de referência:

⁶ Para a captação direta das informações (dados) faz-se freqüentemente uso de sub-tratamentos que não são obrigatoriamente ligados diretamente à pesquisa. Nossa opinião é que esta tarefa deve ser efetuada ou controlada pelo próprio pesquisador, que fará o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

⁷ Para mais informações, ver Lebart L., Salem A., (1994), segundo capítulo, em particular.

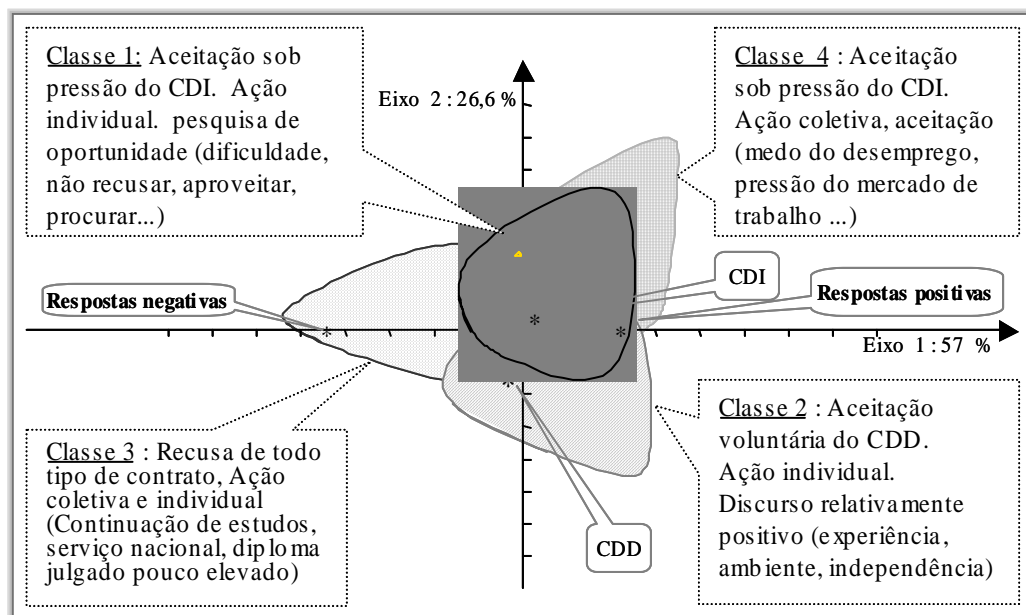
Lógica da recusa ou da aceitação CDD/CDI

	<i>Valores absolutos</i>		<i>Margens</i>
Ausência de resposta		36	4,7
Aceita as duas formas de contrato	402	52,8	
Só aceita o CDD	45	5,9	
Só aceita o CDI	100	13,1	
Recusa total		178	23,4
Conjunto		761	100%

Eis alguns exemplos de justificativas (respostas) listadas aleatoriamente:

- Atualmente, é difícil encontrar um emprego, logo se me propuserem um, digo sim.
- Gosto bastante do trabalho no meio industrial e do ambiente que reina ali.
- Ter, o mais rápido possível, uma experiência profissional.
- Evidentemente, se não houvesse o exército, eu o teria aceitado.
- Porque isto não se recusa.
- É para evitar de estar desempregada.
- É uma experiência profissional que não pode ser desprezada.
- É muito difícil de obter um CDI, nesses dias de desemprego dos jovens.
- Isto permite a aquisição de uma experiência profissional.
- Enquanto função de comunicação.
- Experiência e além disto, permanecer ativo.
- Experiência, possibilidade dele transforma-se em CDI, isto permite adquirir uma experiência.
- É preciso pegar todas as oportunidades de trabalho.
- Eu prefiro continuar meus estudos, desejo continuar meus estudos.
- Desejo aproveitar as férias antes de partir por oito anos na marinha.
- Quero entrar no mundo do trabalho, uma primeira experiência pode ser interessante.
- A aquisição de uma experiência suplementar.
- O objetivo do DUT é o de entrar na vida ativa.
- Não recusar trabalho tendo em vista a conjuntura atual.
- Oportunidade incrível!
- Porque é raro ter uma proposta de CDI logo após o diploma.
- Porque o trabalho me agrada, é certamente melhor do que o desemprego.

- Para adquirir uma experiência profissional e enfim entrar na vida ativa. Pois cinco meses de experiência antes de partir para o exército só podem ser positivos.
- Para ter um mínimo de experiência profissional.
- Para ter uma situação estável.
- Pela experiência profissional. Primeira experiência irrecusável.
- Continuação dos estudos.
- Continuação dos estudos pois o exército não tem, infelizmente, preferência pela especialização em seguros.
- Se houver a possibilidade de promoção interna, CDI é bastante raro para um iniciante atualmente.
- Estresse demais neste trabalho de responsabilidade, nada encorajador.
- Um diploma não é um emprego.
- Vontade de continuar os estudos, continuação dos estudos a partir de setembro.



Em seguida, reagrupamos os depoimentos, por cruzamento, em quatro grupos: recusa ou aceitação de um CDI, recusa ou aceitação de um CDD. Os dados textuais sofreram assim um tratamento com a metodologia *Alceste*⁸. Eis a representação destes quatro campos em um espaço euclidiano que nos dá elementos de reflexão para conceituar estes materiais hermenêuticos neles mesmos (ver o gráfico acima). A

⁸ *Alceste* é um programa concebido por M. Reinert, CNRS (1993 e 1994) e comercializado pela Société Image de Toulouse.

consideração de todos os tipos de ocorrências (palavras cheias, palavras ferramentas, segmentos repetidos, co-ocorrências, etc.) e de suas formas variadas e diversas, dá uma vantagem inegável a este instrumento de tratamento de *corpus* volumosos. Os resultados obtidos podem servir tanto para a conceituação ou a teorização da problemática inicial quanto para a modelização das perguntas fechadas mais racionalmente exploráveis, destinadas a outros estudos complementares ou aprofundados.

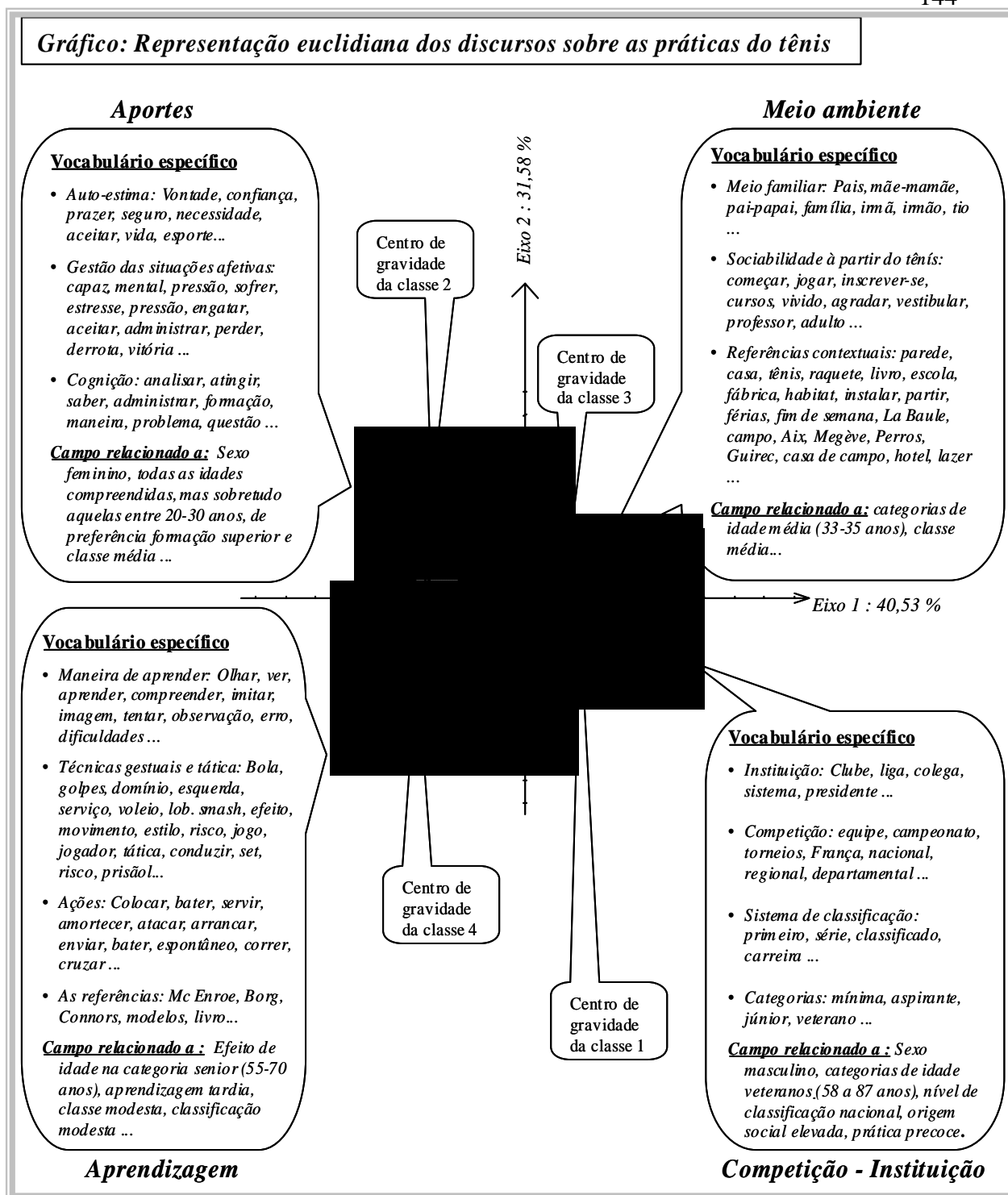
Habitualmente neste tipo de análise (AFC), o corte inicial reaparece, ou seja quatro campos correspondendo aos quatro casos de referência. Entretanto, neste caso, é diferente: certamente as respostas positivas se situam exclusivamente nos dois quadrantes da direita e as respostas negativas constituem um único campo, acavando os dois quadrantes da esquerda, mas a aceitação de uma forma de status aparentemente desejável, a saber um contrato de duração indeterminada, constitui ela sozinha dois campos superpostos (quadrante superior esquerdo), um que indica a pressão, isto é, o peso do ambiente institucional, circunstancial, etc.; o outro, a pequena margem de autonomia do ator ou da ação individual. Em outras palavras, encontramos de um lado a sociedade e do outro os indivíduos que a compõem; *as duas faces da mesma realidade*, como disse bem N. Elias (*ibid*). No plano teórico, o social é frequentemente analisado **seja** como uma experiência que implica a autonomia do ator e da ação (Husserl, Touraine, Dubet), **seja** como uma prática do agente que sofre as pressões do meio, estruturais, institucionais, etc., (Bourdieu, em particular). Assim, na maior parte dos trabalhos contemporâneos, as noções de ator e de agente são apresentadas de modo antinômico ou mesmo contraditório, excluindo sua coexistência no próprio campo do social. Ora, como podemos constatar através dos dois exemplos que expomos neste artigo, o agente e o ator representam as duas faces da mesma realidade. Aliás, este ponto de vista não está longe do de E. Goffman (1968), tal como ele o mostrou em sua obra *Asiles* (Hospícios) consagrada ao estudo das condições sociais dos doentes mentais. Ele estuda a maneira pela qual estes últimos desenvolvem estratégias muito elaboradas para lutar contra as condições de existência carcerais extremamente penosas (do mesmo autor, ver igualmente *Les rites d'interaction* - Os ritos de interação, 1974).

Neste encaminhamento ao mesmo tempo hermenêutico e factual, o trabalho sociológico se apresenta assim como o estudo dos dados objetivos e o estudo das atitudes (práticas) ou das experiências dos sujeitos sociais, no interior de um processo de orientação. Em outras palavras, o processo de orientação, do mesmo modo que o processo de socialização, pode ser compreendido como a interiorização das normas que

o indivíduo (agente) reproduz através de uma lógica dinâmica (Corcuff, 1995) “*da prática à prática*” (Bourdieu, 1980, 1994). Ele pode igualmente ser compreendido como o produto das atividades (experiências) múltiplas do ator (Dubet, 1994; Lahire, 1998), em uma lógica que é, desta vez, de racionalidades limitadas (Gérard-Varet e Passeron, 1995). Definitivamente, em termos de *lato sensu*⁹ (seja para outros tipos de formação, após dois anos de estudos com objetivo mais profissional, seja para uma eventual inserção profissional ou mesmo reorientação em um outro ciclo de formação profissional), este exemplo nos mostra dimensões impossíveis de serem evidenciadas através de uma análise de conteúdo clássico ou através de uma codificação de itens obtidos de um modo ou de outro.

⁹ Podemos encontrar o quadro conceitual da orientação *lato sensu* enquanto processo complexo e multidimensional através de S. Ertul (2001).

Gráfico: Representação euclidiana dos discursos sobre as práticas do tênis



Nosso segundo exemplo baseia-se em entrevistas mais aprofundadas, realizadas junto a praticantes de tênis. Tratava-se de avaliar os alcances e os limites do conceito de autoformação (Peter ; Ertul, 2002). Da mesma maneira, as entrevistas tinham anteriormente sofrido um tratamento manual de desambiguação. O gráfico acima mostra claramente quatro campos distintos, dos quais dois superpostos, correspondendo ao meio ambiente, seja ele familiar, físico ou institucional. Os dois outros campos justapostos situados à esquerda do gráfico designam ao mesmo tempo a prática e a experiência do tênis. Aqui ainda os resultados dão um certo número de elementos para a

conceituação da problemática inicial. Eles podem permitir também a concepção de questionários destinados ao recolhimento de dados mais quantitativos.

Para fazer pesquisa, no caso das ciências sociais, são necessários materiais, ferramentas, programas, em resumo, meios técnicos e humanos, porém sobretudo tempo, às vezes incompreensível porque se está em um campo hermenêutico onde o praticante, de uma maneira ou de outra, é obrigado a interpretar as “coisas” sociais a fim de torná-las o mais visível, inteligível e compreensível possível.

ALGUMAS REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS

Existem atualmente diversos métodos de tratamento de dados textuais. Para uma análise estatística, a segmentação, a identificação, a lematização e a desambigüização são operações sucessivas anteriores às operações de classificação e de análise de um texto¹⁰. A segmentação consiste em pesquisar unidades de sentido mínimas. Em seguida, passando por uma fase de esquadramento, procede-se a identificação, isto é, a observação das formas gráficas. Enfim, um procedimento um pouco mais complexo, a lematização, permite afinar a segmentação e, na seqüência, a identificação. Por este procedimento as formas verbais são reconduzidas ao infinitivo, os substantivos ao singular, os adjetivos ao masculino singular e as formas contraídas à sua forma integral. Frequentemente através de um trabalho ainda mais aprofundado, o pesquisador vai, ele mesmo, levantar algumas ambigüidades no corpus. Tomemos como exemplo a cadeia *conselho de classe*, ela pode ser interpretada de maneira diferente se considerarmos cada forma separadamente. Para evitar isto, é preciso torná-la morfologicamente única, *serviço-militar*, afim de que a cadeia seja considerada globalmente para significar uma entidade ou uma situação.

M. Reinert (Universidade de Toulouse - Le Mirail), conceitor do *Alceste* (Analyse des Lexèmes Cooccurrents dans les Énoncés Simples d'un Texte- Análise dos Lexemas Co-ocorrentes nos Enunciados Simples de um Texto), programa de tratamento de dados textuais, considera “*um discurso como um conjunto de enunciados e um enunciado como o traço de um ponto de vista, o ponto de vista não sendo senão a expressão elementar de uma dualidade sujeito/mundo*”, e ele continua “*o traço destes pontos de vista se aproxima em uma perspectiva estatística pelo estudo das distribuições das palavras inteiras nos diferentes enunciados*” (Reinert, 1994). Seu programa executa a maioria das operações conhecidas nesta área: frequências, concordâncias, segmentos repetidos, análises das correspondências, classificações hierárquicas, tipologias, etc¹¹.

O procedimento de identificação, graças à presença de um dicionário dentro do programa, indica a maioria das formas gramaticais (substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, nomes¹, palavras ferramentas -artigos, preposições, interjeições, etc.). Em uma tabela com entrada dupla, as linhas que correspondem à primeira coluna recebem os UCE. Assim na planilha figuram tantas linhas quantos UCE no corpus. Uma UCE (Unidade de Contexto Elementar) pode ser definida como a forma mais reduzida de um corpus tendo uma coerência semântica. Em todas as expressões escritas, ela é determinada por pontuações fortes: ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, etc. Entretanto, se o praticante julgar necessário, pode realizar um corte correspondente às suas exigências. Tratando-se de entrevistas gravadas (transcritas), é preciso, no momento da desambigüização do corpus, rever a pontuação em função do desenrolar e da coerência das entrevistas.

Feita a identificação, as palavras inteiras são separadas das palavras ferramentas, conseqüentemente só as primeiras vão ser levadas em consideração nos cálculos de dispersão ou de concentração. Entretanto, cada forma gramatical vai ocupar no quadro uma coluna inteira. A ausência ou a presença de cada palavra inteira (palavra portadora de sentido ou lexema) nas UCE vai ser assinalada por “0” ou “1”. É a partir desta

¹⁰ Para a aplicação deste programa, ver a obra de Lahlou, S. (1998).

¹¹ A presença do dicionário de língua francesa no programa permite recuperar os nomes pelos sobrenomes, aconselha-se escrevê-los em letras maiúsculas.

planilha gigantesca que os cálculos de Chi serão efetuados. No mínimo quatro etapas serão necessárias para a realização de todas as análises propostas pelo programa. A primeira etapa consiste em reconhecer as formas gramaticais, lematizá-las, classificá-las, efetuar os cálculos de frequências e separar as palavras ferramentas das palavras inteiras. Ao longo da segunda etapa, jogando sobre o comprimento das palavras inteiras, (UC - Unidades de Contexto), os cálculos chegam em duas classificações descendentes hierárquicas em função de seu conteúdo lexical. Na terceira etapa, muitas classes são constituídas em função da distância (proximidade ou distanciamento estatístico). Encontramos, por exemplo, quatro classes nos dois exemplos expostos neste artigo. Por fim, a última etapa é consagrada às análises complementares como as AFC, à uma classificação ascendente do vocabulário por classe e por segmentos repetidos.

Traduzido por: Maria Helena Gallotti, Professora e tradutora de Língua Francesa Aliança Francesa de Florianópolis – SC e-mail: mariahm@matrix.com.br

Revisado por : Vera Lucia Nehls Dias, Professora da UDESC e bolsista da CAPES.

Referências

- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. (1973), **Le métier du sociologue**, (segunda edição), Paris/La Haye, Mouton, 360 p.
- BOURDIEU, P. (1980), **Le sens pratique**, Paris, Les Éditions de minuit, col. “Le sens commun”, 478 p.
- BOURDIEU, P. (1994), **Raisons pratiques sur la théorie de l’action**, Paris Seuil, 254 p.
- BOURDIEU, P. (1995), La cause des sciences sociales, **Actes de la recherche en sciences sociales**, no 106-107, março, p.3-10.
- CORCUFF, P. (1995), **Les nouvelles sociologies, Construction de la réalité sociale**, Paris, Nathan, col. “128, Sociologie”, 128 p.
- DUBET, F. (1994), **La sociologie de l’expérience**, Paris, Seuil, col. “La couleur des idées”, 278 p.
- DOISE, W.; DESCHAMPS, J.-C.; MUGNY, G. (1978), **Psychologie sociale expérimentale**, A.Colin, col. “U”, série Paris 264 p.
- ELIAS, N. (1993), **Engagement et distanciation, contribution à la sociologie de la connaissance**, Paris, Fayard, 260 p.
- ERTUL, S. (2000) projets d’études, projets de vie, in S. Ertul (Ed) **l’enseignement professionnel court post baccalauréat: IUT et BTS**, Paris, PUF, col. “Formation permanente éducation des adultes”, p.177-205.
- ERTUL, S. (2001), **Pour une orientation lato-sensu**, tese de Doutorado de Estado em Letras e Ciências Humanas, Universidade da Borgonha, sob a orientação de M. Duru-Bellat, 870 p. (550, 320).
- GÉRARD-VARET, L.-A.; PASSERON, J.-C. (sob a orientação de (1995), **Le modèle et l’enquête, Les usages du principe de rationalité dans les sciences sociales**, Paris, Édition de l’École des Hautes Études en Sciences sociales, 580 p.
- GIDDENS, A. (1987), **La construction de la société**, Paris, PUF, col. “Sociologies”, 474 p.
- GOFFMAN, E. (1968), **Asiles, études sur la condition sociale des malades mentaux**, Paris, Les éditions de Minuit”, col. “Sens commun”, 450 p.
- GOFFMAN, E. [(1993)], (1974), **Les Rites d’interaction**, Paris, Les Éditions de Minuit, col. “Sens commun”, 230 p.
- HUSSERL, E. [1992], (1931-1947), **Méditations cartésiennes**, Paris, Librairie Philosophiques J. Vrin, col. “Bibliothèque des textes philosophiques”, 256 p.
- LAHIRE, B. (1998), **L’homme pluriel, les ressorts de l’action**, Paris, Nathan, col. “Essais & recherches”, série “sciences sociales”, 272 p.
- LAHLOU, S. (1998), **Penser, manger: alimentation et représentation sociales**, Paris, PUF, col. “Psychologie sociale”, 240 p.
- LEBART, L.; SALEM, A.. (1994), **Statistique textuelle**, Paris, Dunod, 342 p.
- LEVIN, J.-M.; PAVELCHAK, M.-A. [1988, (1984)], Conformité et obéissance, p. 25 a 50 in Moscovici S. (sob a orientação de), **Psychologie sociale**, Paris, PUF, col. “Fondamental”, 596 p.

PETER, J.-M.; ERTUL, S. (2002), Observation des parcours tennistiques à travers l'analyse textuelle des données, mimeografado, Toulouse, Colóquio da Sociedade de Sociologia do Esporte de Língua Francesa (SSSLF) **Sport et vie sociale, transformations, ruptures et permanences**, 20 p.

REINERT, M. (1993), Les mondes lexicaux et leur logique à travers l'analyse statistique d'un corpus de récits de cauchemars, **Langage et société**, décembre 1993, p. 5-39.

REINERT, M. (1994), L'approche des "mondes lexicaux" em Aurélia de G. de Nerval, in Martin E., **Les textes et l'informatique**, Paris, Didier Érudition, col. "Études de sémantique lexicale", CNRS, Institut National de la Langue Française, p. 145-175.

TOURAINÉ, A. (1965), **Sociologie de l'action**, Paris, Seuil, 508 p.

WEBER, M. [1963, (1959)] **Le savant et la politique**, Paris, Union Générale d'Éditions, col. "Le monde 10/18", primeira edição francesa em Plon, 186 p.

WEBER, M. [1965 (1951)], **Essais sur la théorie de la science**, Paris, Plon, col. "Recherche en sciences humaines" no 19, 540 p.

YOURCENAR, M. [1974, 1958)], **Mémoires d'Hadrien**, Paris, Les Éditions Gallimard, col. "Folio", p. 30.

Artigo recebido em: 12/2002

Data de Aprovação: 08/2003